AS INTERFACES DA VIOLÊNCIA URBANA E SUAS IMPLICAÇÕES NO CAMPO

Francisco Silva de Sousa [1]

Para se compreender o fenômeno da violência, se faz necessária uma análise de como as situações contextuais nas quais a violência juvenil, está inserida dada seus deslocamentos para as comunidades urbanas e rurais que já sofrem com diversos outros problemas (tais como: ausência de infraestrutura de estradas; fragilidade de política de segurança pública; ausência de políticas públicas para a juventude rural), os quais tornam vulneráveis para o envolvimento com atos de violência.

O fenômeno da violência deixou de ser uma caraterística somente de espaços urbanos, e a sensação de lugar seguro e tranquilo atribuída às comunidades rurais não tem sido mais realidade para algumas delas. Verifica-se que muitas estão sofrendo; não sabem lidar com a realidade da violência em suas localidades e não compreendem o que está por trás da migração de narrativas de violências para tais espaços.

Logo, características consideradas urbanas vão se deslocando para áreas rurais, desenvolvendo o imaginário do medo e da violência na população rural. Com a migração de pessoas da cidade para as comunidades rurais, e até mesmo de parentes e familiares que residiam em grandes centros urbanos como Rio de janeiro e São Paulo, tem se tornado comum nas comunidades ouvir relatos que a "droga chegou aqui e está destruindo a vida dos jovens".

Por conseguinte, a pauta da política de segurança nas comunidades rurais tornou-se uma agenda de reivindicação importante, pois, além dos conflitos no campo da luta passaram a conviver com a sensação de insegurança, que era uma característica urbana de violência. Observa-se que, se há dificuldades na efetivação de uma política de segurança pública na área urbana, na zona rural tal situação se intensifica. Um dos entraves é que não se consegue superar a ideia de associação do enfrentamento à violência com o aumento do policiamento local.

Historicamente, a violência está enraizada na vida da sociedade, seja na esfera doméstica, institucional, na criminalização da pobreza, na naturalização machista, racismo, preconceito, na proibição dos corpos, dentre outros. Está intimamente ligada à falta de acessos, assim como afirma Lefebvre (1999).

As cidades conseguem agregar serviços, bens, riquezas e, principalmente, pessoas. Mas agregam também desejos e demandas de consumo, assim como ocorre nas comunidades rurais. Outras lacunas se apresentam no que tange ao acesso às políticas públicas de educação "no campo para o campo", segurança, saúde, mobilidade, cultura, lazer,

[1] Mestrando em Direito Agrário pela Universidade Federal de Goiás, Brasil.

esporte, trabalho e renda, moradia, dentre outras. Isso contribui para o agravo das desigualdades presentes na sociedade contemporâneas, as quais geram revolta e violências.

Portanto, este estudo relaciona-se ao anseio em compreender a violência juvenil no meio rural, enquanto reflexo da violência urbana, considerando-se, as interfaces, as complexidades territoriais, e as interferências no modo de vida da população rural.

TERRITÓRIOS URBANOS, RURALIDADE E VIOLÊNCIAS

É no chão do cotidiano das comunidades que se tecem as relações sociais e confrontam-se aos desafios contemporâneos de uma vida nos territórios urbanos e rurais. Logo, verifica-se a importância de compreender tais territórios numa perspectiva que se distancia da ideia dos termos usados pelos governos para delinear território como recorte meramente geográfico. Intenta-se compreendê-lo a partir de suas histórias, costumes, modo de vida. Partimos da seguinte concepção de território:

> "(...) o território tem que ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida". (SANTOS *et al apud* NEPOMUCENO, QUEIROZ, PAIVA, 2010, P. 96).

Outro elemento a se destacar acerca do fenômeno das violências, reporta-se às suas variadas faces e formas, as quais constituem um fenômeno histórico na constituição da sociedade brasileira, que compreende desde seus primórdios, período em que índios e negros vivam numa lógica escravista e violenta. Também foram expressivos quanto às violências os períodos marcados pela predominância de oligarquias, onde sobressaía o coronelismo, somados ao aparelho ideológico do Estado.

Na contemporaneidade, diversos outros fatores colaboram para o aumento da violência, tais como a urbanização acelerada; o crescimento desordenado que favoreceu o afavelamento e a segregação social; a ausência de políticas públicas que assegurem condições de vida digna para o homem e a mulher do campo, sobretudo, a defesa da terra e dos territórios dos povos tradicionais; a precarização dos vínculos e das condições de trabalhos; a ineficiência e, para alguns, o não acesso às políticas públicas; a negação dos direitos humanos e sociais. Carrano (2008) refere que tais elementos marcam as vidas das comunidades, interferem diretamente na experiência juvenil e representam:

> "As consequências da falência do Estado como promotor de direitos; a força avassaladora dos mercados na produção de necessidades e sentidos culturais; o declínio das instituições socializadoras e de apoio societário, como a família e a escola; o

> predomínio dos meios de comunicação e dos mercados com suas verdades e valores individualistas; as conexões perversas promovidas pelas redes do crime e das drogas; e o constante fantasma do desemprego e da falta de perspectiva profissional para uma imensa maioria". (CARRANO, 2008. P.1).

Conhecer e pesquisar territórios rurais impactados por caraterísticas urbanas das diversas formas de violências requer compreendê-lo além dos aspectos físicos ou geográficos.

SOBRE JUVENTUDES

Conhecer a realidade juvenil em sua complexidade requer compreender sua relação com o chão que ocupam, com os territórios onde vivem, onde influenciam e onde são influenciadas. Inicialmente é fundamental termos clareza do que denominamos "juventudes". Groppo (2004) chama a atenção para a definição de juventude restrita à faixa etária que serve para orientar as ações do Estado. O autor contesta tal definição, e defende a importância de se compreender o significado social do termo juventude. Não basta, portanto, restringir-se ao mero recorte de faixa etária, embora reconheça que se trata de uma categoria que tanto fundamenta políticas sociais quanto permeia o imaginário social.

Numa visão dialética de juventude, é necessário tentar considerar seu significado mais profundo e superar a expectativa de homogeneidade deste conceito. O reconhecimento da pluralidade juvenil aponta a concordância quanto aos diversos modos de se vivenciar a juventude, a partir da influência de fatores sociais, culturais, econômicos, políticos, urbanos e rurais.

Tomando como referência Carrano (2008) e Pais (2008), discutir juventudes pressupõe discutir efetividade das políticas públicas, contribuição das tecnologias sociais existentes nas comunidades periféricas, acesso direitos, modernidade com desenvolvimentos de oportunidades, com sua realização em distintos planos e para distintos grupos sociais. A opção pela expressão "juventudes" decorre da concordância quanto à compreensão que existem diversos modos de se vivenciar a juventude, considerando-se aspectos fatores sociais, culturais, econômicos, políticos, urbanos e rurais que influenciam o cenário de pluralidade juvenil que reconhecemos.

Os atores juvenis das periferias das grandes cidades e das áreas rurais, convivem diariamente conflituosas realidades de risco e vulnerabilidade. Vários elementos marcam negativamente a experiência de ser jovem no Brasil, tais como: a decadência do Estado como promotor de direitos; a força avassaladora dos mercados na produção de necessidades e sentidos culturais; o predomínio dos meios de comunicação e dos mercados com suas verdades e valores individualistas; as conexões perversas promovidas pelas redes do crime e das drogas; e o constante fantasma do desemprego e da falta de perspectiva profissional para uma imensa maioria da juventude.

As mudanças da visão estigmatizada sobre os jovens, para Freitas (2009), apontam indícios de novas expressividades e modos de ver o mundo e a si próprios percebidos entre os jovens "rurais e urbanos" que, influenciados pelas informações recebidas através da mídia ou do contato direto, adotam formas de vestir, gostos musicais, performances corporais, ideias, valores, estilos, projetos e perspectivas de vida, seja para jovens identificados territorialmente urbanos ou rurais.

É necessário, portanto, compreender a juventude para além do conceito aparente, mas considerar o aspecto da unidade (recorte da faixa etária) e o aspecto da diversidade (questões sociais, culturais, políticas, urbanas e rurais).

EXPERIÊNCIAS COM JUVENTUDES URBANAS E RURAIS NA PERSPECTIVA DE UM JOVEM NEGRO E DE PERIFERIA

No contexto das reflexões tecidas até aqui, apresentamos elementos considerados relevantes a partir da experiência com juventudes deste autor que vos fala. Para discorrer narrativas desta experiência no trabalho inicialmente parafraseamos o compositor Ataulfo Alves ao cantar "Ali onde eu chorei, qualquer um chorava. Dar a volta por cima que eu dei, quero ver quem dava. " Foi no chão dos territórios periféricos, às margens da vida com suas dores e alegrias, que a trajetória deste autor, como jovem negro urbano, foi se tecendo.

Rompendo as barreiras das vulnerabilidades sociais, não de forma ingênua e aleatória, mas a partir da consciência social e da luta de classe que adquiriu no engajamento e na participação desde adolescente em projetos sociais, no Movimento de Educação de Base (MEB), em associação comunitária e na militância em pastorais da Igreja como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), bem como movimentos sociais em defesa dos direitos humanos.

Dada a militância, desde cedo compreendeu que os indivíduos e sociedade não são entidades separadas entre si e que todos e todas aprendem a ser homem e mulher uns com outros e outras e que a interdependência entre seres individuais é uma condição humana. E não seria diferente na vida cotidiana da sociedade e suas relações entre o campo e cidade, territórios urbanos e rurais que pressupõem o entrelaçamento, a ligação, a conexão de fios das identidades, as semelhanças e distanciamentos estabelecidos.

O engajamento social orientou os caminhos trilhados, de resistência e superação, e contribuiu para a práxis, a certeza do chão vivido no trabalho com as juventudes urbanas e rurais. Nesta trajetória destacamos a atuação no Projeto Vida nas Teias da Cultura, desenvolvendo uma metodologia social de fomento ao projeto de vida para jovens em comunidades urbanas e rurais no município de Sobral, na zona norte do estado do Ceará.

A aproximação com este Projeto decorreu da experiência de vida e de trabalho social, instigados pela

inquietude com o cenário social onde vivia, marcado por diversas formas de negação de direitos. Na condição de adolescente atendido em projetos sociais, passou a colaborador junto ao Projeto Vida desde sua concepção. Sua abrangência comporta a realidade vivida pelos adolescentes e jovens das periferias na convivência diária com realidades de risco e vulnerabilidade sociais, fruto do sistema capitalista, que produz indivíduos individualistas, reproduz a lógica do consumo desenfreado e que faz da espetacularização da violência uma mera consequência juvenil.

As vivências de trabalho comunitário com jovens em situação de vulnerabilidade social, no Projeto Vida nas Teias da Cultura, provocam inquietações e diálogos sobre quão importantes são as políticas públicas para e sua contribuição na construção do projeto de vida dos jovens, sejam em cenários urbanos ou rurais. Assim, sugerimos a experiência deste Projeto, como parâmetro no desenvolvimento de estratégias de ação que tome como referência e princípios um trabalho de base territorial, que fomente o protagonismo juvenil e que promova a consciência da defesa e da luta por direitos, enquanto instrumento de transformação social.

Conhecer as juventudes em sua complexidade requer compreender sua relação com o chão que ocupam, com os territórios onde vivem, onde influenciam e onde são influenciadas.

> "Quando falamos de "juventude", estamos profunda e comprometedoramente emaranhados numa complexa teia de representações sociais que se vão construindo e modificando no decurso do tempo e das circunstâncias históricas". (PAIS, 2008, P.8).

Portanto, aprofundar as leituras de narrativas sobre violências e urbanas e rurais, e suas reais origens, mostra-se urgente e necessário para ampliar o olhar sobre realidade presentes, permeadas pelos fenômenos da violência, das drogas e da migração cidade para o campo, dentre outros.

A vida da população periférica, da classe trabalhadora e oprimida, dos camponeses, não é, e nunca foi fácil, sobretudo em contextos capitalistas. A garantia de direitos resulta de muitas lutas e resistências, e tempos como os atuais deixam isso cada vez mais claro. Somente com consciência de classe e da luta por direitos, com a força criativa, mobilizadora, resistente e instigante, com a ousadia das juventudes, teremos uma sociedade mais humana, solidária, economicamente justa, ecologicamente correta, onde seus sejam sujeitos verdadeiramente emancipados. Que sejam fortes e singelos. Livres. Gente que quer ousa sonhar. Que busca realizar. Gente que merece brilhar. Ou, nas palavras de Caetano Veloso: "Gente que ser feliz (...)Gente lavando roupa, amassando pão. Gente pobre arrancando a vida com a mão. No coração da mata gente quer prosseguir. Quer durar, quer crescer. Gente quer luzir. "

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRANO, Paulo. *Territórios juvenis.* Publicado em <www.blogacesso.com.br>.

GROPPO, Luis Antônio. *Dialética das juventudes modernas e contemporâneas.* Revista de Educação do Cogeime. Ano 13, n.25, dezembro/2004.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa; QUEIROZ, Ana Helena Araújo Bonfim; PAIVA, Geilson Mendes de. *Territorialização e inserção comunitária na saúde.* In: DIAS, Fernando Antônio Cavalcante e DIAS, Maria Socorro de Araújo (orgs). Território, Cultura e Identidade. Rio de Janeiro: Editora Abrasco, 2010.

PAIS, José Machado. *Máscaras, jovens e "escolas do diabo".* Revista Brasileira de Educação. v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.